



Cálculos do progresso

Cerca de 1.200 engenheiros são formados por ano em Piracicaba

Profissão que já foi subvalorizada, hoje a engenharia se destaca entre as mais concorridas com boa remuneração

FLÁVIA SANTUCCI
flavia@ppjournal.com.br

Todos os anos, em média, cerca de 1.200 engenheiros são formados em Piracicaba. No Brasil são 30 mil novos profissionais, mas os números ainda estão bem abaixo dos 60 mil necessários para atender a atual demanda do país. Sim, porque a engenharia está em alta. E ela está em alta, principalmente,

porque a economia vai bem.

Para o engenheiro civil Francisco Kurimori, presidente do Crea (Conselho Regional de Engenharia e Agronomia) em São Paulo, a engenharia, que sempre foi vista como a profissão do futuro, hoje está em evidência. “A engenharia é a bola da vez. Muito se falava que era a profissão do futuro e esse futuro já chegou. Se você pensar nos cursos que mais abriram vagas em vestibulares nos últimos anos, verá que a engenharia é, de longe, um dos mais procurados. Infelizmente ainda faltam profissionais, mas a profissão está crescendo, principalmente porque a economia está se desenvolvendo. É uma das profissões mais importantes porque está presente em todos os segmentos da sociedade, de construções a elétrica e eletrônica, educação, mecânica, aeronáutica, produção, naval. É uma área que abrange todas as áreas da sociedade”, afirmou.

Regulamentada em 1933, a engenharia conta hoje com 34 cursos reconhecidos pelo Crea e mais de 300 modalidades. A remuneração, que em tempos de crise econômica chegou a amargos R\$ 2.000 para engenheiros recém formados, hoje pode atingir R\$ 8.000 dependendo da área de formação.

“Diferente das outras profissões que precisam de especialização, o engenheiro já nasce especialista. Porque você não pre-

cisa cursar uma graduação inteira para depois escolher a área que mais lhe agrada. A engenharia permite que, desde o início, o profissional escolha aquela área que quer seguir”, destacou Kurimori.

O bom momento da engenharia também é comemorado pelo engenheiro mecânico Marcos Antonio de Lima, diretor da Fatep (Faculdade de Tecnologia de Piracicaba). Segundo ele, a explicação é lógica: toda vez que a economia cresce, aumenta também o investimento em infraestrutura. “O que logicamente precisa de engenheiros para existir”, ressaltou.

“Com o mercado de infraestrutura superaquecido, a necessidade de mão de obra técnica aumentou e há dificuldade de encontrar engenheiros recém-formados, assim como seniores, com mais de cinco anos de profissão. Vale lembrar que, antes preterida, agora a profissão de engenheiro civil, por exemplo, avançou conforme o desenvolvimento do país e hoje é uma das preferidas pelos candidatos no vestibular. A principal razão é que a falta de profissionais dessa área tornou os salários mais atrativos e atualmente um recém-formado ganha cerca de R\$ 4.000, de acordo com o Sindus-Con (Sindicato da Construção)”, apontou o diretor.

Ainda segundo Lima, o ramo de atuação que mais demanda en-

genheiros civis atualmente é o de obras. “A volta dos programas de financiamento de habitação (como o Minha Casa, Minha Vida) foi uma das razões pela qual o déficit de trabalhadores aumentou, principalmente, nos últimos seis anos. Além disso, eventos como a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, que acontecem no país nos próximos anos, ajudaram a alavancar o setor.”

Arquivo/Nilo Belotto/JP



Marcos Antonio de Lima, diretor da Fatep, vincula profissão ao bom momento da economia